

**“FALEM MAL, MAS FALEM DE MIM”: REPRESENTAÇÕES
CRÍTICAS DO TRABALHISMO NO JORNAL CARIOCA *CORREIO DA
MANHÃ* (1951-1954).**

**“ANY PUBLICITY IS GOOD PUBLICITY”: CRITICAL
REPRESENTATIONS OF LABOR IN THE CARIOCA JOURNAL *CORREIO
DA MANHÃ* (1951-1954).**

**“HABLEN MAL, PERO HABLEN DE MÍ”: REPRESENTACIONES
CRÍTICAS DEL LABORISMO EN EL PERIÓDICO CARIOCA *CORREO DE
LA MAÑANA* (1951-1954).**

Pâmela Chiorotti Becker Souzaⁱ

Resumo: Este artigo pretende, em um primeiro momento, melhor delinear a pesquisa de mestrado “Representações sociais do PTB e do Trabalhismo: Luta Simbólica entre *Correio da Manhã* e *Ultima Hora* (1951-1954)”, dois jornais cariocas de visões distintas, expondo objetivos e questões para reflexão, bem como situar os objetos e a temática dentro dos trabalhos históricos em imprensa. Já no segundo momento, pretende-se expor uma breve análise de parte dos dados obtidos, referentes a representações críticas do Trabalhismo no jornal *Correio da Manhã* nesse período, como forma de promover a discussão e a divulgação do trabalho científico que se está realizando. A proposta é de observar esses jornais como ativos na construção da realidade social, em constante reformulação.

Palavras chave: Imprensa. PTB. Trabalhismo.

Abstract: At first, this article intends to better outline the master's research “Representations of PTB and Labor: Symbolic Struggle between *Correio da Manhã* and *Ultima Hora* (1951-1954)”, - two newspapers from Rio de Janeiro with different views -, exposing objectives and issues for reflection, as well as placing objects and themes within historical studies about the press. In a second moment, we intend to expose a brief analysis of part of the data obtained, referring to critical representations of Labor in the newspaper *Correio da Manhã* in that period, as a way to promote the discussion and dissemination of the scientific study that is in progress. The proposal is to observe these newspapers as active elements in the construction of social reality, in constant reformulation.

Keywords: Press. PTB. Labor.

Resumén: Este artículo pretende, en primera instancia, describir la investigación de maestría titulada “Representación del PTB y del Laborismo: Lucha Simbólica entre *Correo de la*

Mañana y Última Hora (1951-1954)”, dos periódicos cariocas de visões distintas, estabelecendo objetivos y preguntas para la reflexión, así como ubicando los objetivos y la temática dentro de los trabajos históricos sobre la prensa. En segunda instancia, se plantea exponer un breve análisis a partir de los datos obtenidos, sobre las representaciones críticas del Laborismo en el periódico *Correo de la Mañana* durante ese período, como una forma para promover la discusión y difusión del trabajo científico que se está realizando. La propuesta es observar esos periódicos como activos en la construcción de la realidade social y en constante reformulación.

Palabras clave: Prensa. PTB. Laborismo.

Introdução

Este artigo visa melhor delinear a pesquisa, ainda em andamento, apresentada em julho no XV Encontro Estadual de História ANPUH – RS. Para compreender a atual pesquisa é necessário, primeiro, retroceder aos antecedentes que possibilitaram que ela surgisse. Entre 2017 e 2018 pesquisávamos “A representação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no jornal carioca *Ultima Hora* (UH) – 1951 a 1954”. A intenção dessa pesquisa de iniciação científica era realizar uma pequena análise de como o jornal getulista representava o partido trabalhista de Getúlio Vargas. Através da metodologia de exame de imprensa, inspirada na Análise de Conteúdo qualitativa através de Bardin (2004) e de Moraes (1998), observou-se discursos realizados na coluna *Ultima Hora* na Política, de Medeiros Lima (pág.3). O resultado para os dois primeiros anos da pesquisa foi o seguinte:

Tabela 1

ANO	Nº COLUNAS PTB	OCORRÊNCIAS CONTRÁRIAS (%)
1951	25	5,1
1952	39	52

Fonte: O autor (2020)

Nota-se uma dicotomia visível entre o primeiro e o segundo ano. De 5,1% de críticas presentes nessa coluna, no ano seguinte passou-se para 52%.

O que levaria à essa disparidade entre a proporção de críticas, de 1951 para 1952? Estranhando esse resultado parcial apresentados nos Salões de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), continuamos a pesquisa, ao mesmo tempo em que

expandíamos os estudos e as análises para tentar compreender essas primeiras variações. Ao observarmos o terceiro e quarto ano de dados, teve-se uma surpresa: a coluna saiu de circulação no maio de 1953 pois Medeiros Lima se candidatou a um cargo político. Comparamos, então, os dados obtidos com um outro periódico lançado pelo grupo Wainer nessa mesma época, a revista semanal *Flan*. Nela, assim como nos resultados da primeira fase da pesquisa em relação ao UH, observamos uma simpatia por certas figuras-chave em detrimento de outras, como é o caso da pág.4 da edição 7, inteiramente dedicada a tecer elogios ao PTB ao João Goulart, figura com a qual o jornal simpatizava. Alguns elementos já identificados no estudo realizado no UH também foram notados em uma leitura flutuante em *Flan*, como: partido de massas; popular; crescentemente forte; estruturado (em oposição ao passado); trabalhista; em voga com os fins socialistas; João Goulart como um grande presidente partidário, mas também como uma grande personalidade pessoal, idôneo (elementos descritivos retirados do discurso do jornal nessa edição). (O PTB É UM PARTIDO DE ESQUERDA, 1953, p. 4)ⁱⁱ.

Antes de continuar é importante, no entanto, situar a análise dentro dos trabalhos históricos em imprensa, para tornar a compreensão da pesquisa mais exata. A historiografia tradicional sobre o tema valorizou o uso dessa como objeto ao longo dos anos 70. Porém, fortemente influenciada pela escola marxista, esse uso não era isento de suspeição, como mostra De Luca. Capelato, historiadora que trabalhou com essa perspectiva histórica em relação a imprensa, afirma em *O Bravo Matutino*, que:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como ‘mero veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO, 1980, apud LUCA, 2008, p. 118).

Dessa forma, apesar dessa valorização, que merece seus créditos, a imprensa continuou sendo vista como apenas reprodutora das intenções e interesses dos aglomerados políticos e financeiros, não possuindo papel ativo na conformação social. Martins faz uma excelente ilustração do que foi afirmado até então:

[...] como tendência geral, os trabalhos que seguiram esse caminho não exploraram a possibilidade de a imprensa ocupar um papel ativo na formação/difusão das “ideologias”. Inspirados nos estudos da Escola de Frankfurt e em uma leitura apressada dos Aparelhos Ideológicos de Estado, de Louis Althusser, ou mesmo sem uma base teórica mais elaborada, tais pesquisas tenderam a manter, com raras exceções, uma compreensão da imprensa como mero instrumento político-ideológico de grupos econômicos e/ou políticos. (MARTINS, 2018, p. 59 e 60).

Continuando as investigações mencionadas acima, ao avaliar melhor o porquê das críticas, que aumentaram tanto em 1952, percebemos que essas não eram relacionadas diretamente ao PTB, mas sim a figuras-chave do partido, como Danton Coelho, presidente do PTB e Ministro do Trabalho no período, especialmente criticado por liderar uma das duas alas de disputa interna do PTB e, por ter o poder nas mãos, agir de acordo com as suas próprias vontades (A LICENÇA DE DANTON COELHO E A CRISE TRABALHISTA, 1951, p. 3)ⁱⁱⁱ. Assim, talvez se possa afirmar um certo alinhamento não a Vargas ou ao PTB, mas por certas figuras as quais o jornal era simpatizante, como é o caso de João Goulart, notado acima. Ora, como pode um jornal “submisso e mero reprodutor das visões de aglomerados políticos e financeiros” demonstrarem essa tênue personalização do alinhamento dito getulista pela historiografia sobre o assunto? Esses estranhamentos obtidos em 2018 continuaram nos instigando a ponto de desejarmos realizar uma análise mais profunda. Assim, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS em 2019 tendo como recorte de pesquisa o “Processo de Construção da Imagem Pública do PTB e do Trabalhismo nas páginas dos jornais cariocas *Ultima Hora (UH)* e *Correio da Manhã (CM)*, (1951-1954)”. O conceito de Imagem Pública se tornou insuficiente para atender às demandas da pesquisa, necessitando, portanto, a transição para o conceito de Representações Sociais e de Luta Simbólica, que será mais bem explicitado ao longo desse artigo.

Atualmente, pretendemos nessa pesquisa analisar como os jornais cariocas *Ultima Hora* e *Correio da Manhã* representaram, em suas páginas, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a sua doutrina política/social (FERREIRA, 2005), o Trabalhismo, visto que esses jornais atuam como “instrumentos de representações sociais” inseridos em uma “luta simbólica” pela visão mais legítima (BOURDIEU, 1989) da realidade brasileira. A escolha desses dois periódicos não se realizou aleatoriamente. Ambos ocupam posições distintas dentro da chamada “grande imprensa carioca”. O *Ultima Hora*, desde sua fundação, em 1951, vinculase ao chamado getulismo – o próprio fundador do jornal, Samuel Wainer, afirma isso em sua biografia, *Minha Razão de Viver* (1988), servindo como amplo apoiador do governo de Vargas e às suas ideologias, notadamente o Trabalhismo (LAURENZA, 1998; BARRETO, 2014; CUNHA, 2016). Já o *Correio da Manhã* surge no início do século e se mantém, em geral, como um jornal com viés conservador, porém com suas opiniões pautadas pela questão maior da legalidade democrática. Por conta disso, inclusive, que se explica parte da aversão do *Correio da Manhã* à volta de Getúlio ao poder, em 1951, afinal ele representaria, para o jornal, uma

ameaça à democracia (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994; DHBB, 2001; MARTINS, 2010). Assim, observando-se esses dois jornais, podemos obter uma visão mais ampla dessas lutas pela determinação de uma visão de mundo, ou seja, representação mais legítima, do PTB e do Trabalhismo, aprofundando também os estudos sobre atuação da grande imprensa brasileira nos anos 1950, pelo menos ao que se refere aos cariocas *Correio da Manhã* e *Ultima Hora*.

Os objetivos dessa pesquisa são, portanto, investigar se cada jornal defende, nas suas representações, imagens predominantemente favoráveis, neutras ou negativas dos termos levantados – PTB e Trabalhismo - e se elas são homogêneas ou heterogêneas, variando conforme o tempo. Assim, poderá se estabelecer um panorama de que representações tais jornais emitem, nesse período, possibilitando aproximações e/ou distanciamentos. Objetivo mais geral é de reavaliar a possibilidade de utilizar, pelo menos em relação ao UH e ao CM, a visão historiográfica dominante de submissão da imprensa a grupos políticos e financeiros.

O corpus documental está sendo constituído de captura de editoriais e colunas, por meio de varredura de termos no acervo online “Memória Biblioteca Nacional”. Nessa ferramenta, há a possibilidade de buscar quais edições mencionam determinado termo, então delimitamos essa busca através das palavras “PTB” e “Trabalhismo”. A escolha por editoriais e colunas em detrimento de outras áreas do jornal não ocorreu aleatoriamente. Sabemos do posicionamento implícito do veículo jornalístico em notícias, notas e reportagens. Porém, é nas colunas, assinadas ou não, e, principalmente, nos editoriais que podemos encontrar o posicionamento explícito, aquelas opiniões que fazem parte do jornal como empresa, geralmente acertadas e combinadas dentro da redação. Dificilmente um jornalista que não está de acordo com esse viés explícito do jornal escreverá de maneira constante nesses espaços, até mesmo pela interiorização do *habitus* jornalístico daquela empresa. Assim, editoriais e colunas possibilitam uma visão mais clara e objetiva do jornal como instituição, não como conjunto de diferentes jornalistas. Visto que o desejo é observar como ambos os jornais representam, como instituição ativa socialmente, PTB e Trabalhismo, decidimo-nos por esse caminho.

A área de opiniões institucionais mais explícitas no jornal CM é a página 4, na qual se encontra o editorial, diário e bem definido, além de inúmeras colunas não assinadas (algumas raras são assinadas), como o espaço “*Tópicos e Notícias*”, no qual dissertam opinativamente sobre variados assuntos, quase sempre políticos. É nesse espaço que focamos nossa pesquisa. Já em relação ao UH, a questão é um pouco mais complexa, mas não impossível de ser

respondida. Samuel Wainer, em suas memórias, deixa claro que não era adepto de editoriais. Este os deixava, em forma de coluna, para Octávio Malta, seu braço direito na fundação e na redação do jornal (WAINER, 1988). O UH, portanto, não segue um padrão delineado. As colunas mudam de forma constante, são retiradas e recolocadas como forma de teste nesse jornal nascente. Porém, algumas colunas foram reconhecidas como a essência do jornal e adquiriram destaque aos que buscavam seu posicionamento. Por isso, escolhemos três dessas para compor nosso corpus documental: “*Barômetro Econômico*” (escrita, às vezes, por Octávio Malta), “*Coluna de Última Hora*” (que muitas vezes é identificada como sendo do próprio Samuel Wainer, mas que outros jornalistas assumem, quando necessário) e, por último, “*O dia do presidente*”, uma coluna não assinada que achamos muito importante, visto que Wainer indica sua criação para romper a “campanha de silêncio” que a grande imprensa carioca fazia em relação a Vargas desde sua volta ao Catete, em 1951. Segundo o jornalista:

‘O dia do presidente’, que criei inspirado em colunas que vira na imprensa americana, era publicado na página 3. [...] O responsável por ela, Luís Costa, um talentoso jornalista piauiense que morreria muito moço, entrava no Palácio do Catete às oito da manhã e só voltava à redação quando o jornal estava no limite do horário para o fechamento da edição. A seção foi publicada diariamente até o dia do suicídio de Getúlio Vargas – naquele momento, decidimos extingui-la. Ao desaparecer, ela já se transformara numa ‘instituição nacional’, conforme a chamara o *Correio da Manhã*, num editorial [...]. (WAINER, 1988, p. 144).

Para encerrar a explicitação metodológica, após o mapeamento, leitura flutuante e catalogação dos documentos, partimos para a codificação, na busca por essas representações do PTB e Trabalhismo, bem como a categorização, etapa na qual estamos cruzamos esses dados e transformamos em tópicos de análise. Apesar da observação estar em andamento, uma parte está pronta, denominada “Representações do Trabalhismo no jornal *Correio da Manhã*”, possibilitando o trabalho aqui presente.

Teoria e prática: aportes úteis e análise do jornal *Correio da Manhã*.

É desejável, daqui em diante, ter em mente certos conceitos que condicionam a forma de pensar nossos objetos e o modo como eles se inserem e agem socialmente. Essas ideias se inter-relacionam com os dados analisados, possibilitando a melhor compreensão desses. Decidimos, então, estruturar a exposição dividindo-a em dois focos: um teórico, explicando esses conceitos (subcapítulo 1), e outro prático, de demonstração das análises (subcapítulos 2, 3 e 4).

Implicações teóricas úteis à análise.

O primeiro deles é, sem dúvida alguma, o conceito de Representação Social. Há toda uma fundamentação teórica dessa ideia elaborada desde Durkheim, mas basta, no momento, a definição de Jodelet, para quem as representações são:

[...] representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam [e] [...] a representação social tem com o seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito.” (JODELET, 2001, P.27).

Assim, as representações são consideradas recortes da vida social que não apenas substituem os elementos representados, mas também que contém características tanto do elemento representado, quanto de quem representou. Uma ilustração rápida: uma hipotética definição feita por um jornal sobre “O que são as segundas-feiras” não são as segundas-feiras em si, apesar de estarmos automaticamente conscientes dessa relação. Por outro lado, o discurso do jornal poderia definir que segundas-feiras são o primeiro dia da semana útil, o que de fato é, e ainda afirmar que é um dia maravilhoso e empolgante, o que se refere muito mais ao representante – o editorial do jornal ser a favor das segundas como dia produtivo- do que ao representado em si. Após esse exemplo, fica nítido a possibilidade de, com o conceito de Representação, englobarmos na análise tanto definições de Trabalhismo e de PTB, como também aspectos dos jornais considerados objetos da pesquisa. Aliás, a importância destes jornais na busca por representações é tamanha pois:

[...] as representações sociais “[...] circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas [...]” (JODELET, 2001, P.17). Elas “[...] expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e são uma definição específica ao objeto por elas representado. Essas definições, partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo”. (JODELET, 2001, P.21).

A representação é social na medida em que trata do mundo social e se insere em disputas pela definição mais legítima desse mundo. Essas disputas são melhor compreendidas através de conceitos como luta simbólica e lutas de representações.

A referência para o conceito de luta simbólica é Pierre Bourdieu, para qual o mundo social é dividido em campos de produção simbólica, transformado em plano cartesiano, nos quais as classes, ou frações dessas, estão posicionadas, de acordo com o peso relativo de seus capitais adquiridos (essencialmente capital econômico e cultural). Capital, para Bourdieu, refere-se à quantidade de recursos de poder, seja econômico, cultural ou social, que determinado agente (ou instituição) acumula e utiliza para fins relacionados ao seu universo de

possibilidades. Assim, esses diferentes grupos, que Bourdieu, evitando o conceito clássico de classe, chama de classes no papel, lutam entre si pela manutenção ou alterações de suas posições, luta essa que Chartier, ao dialogar com Bourdieu, denomina de lutas de representações, já que, para esses autores, é através dessas que os grupos sociais constroem a realidade, tentando a definir de acordo com suas intenções. Em suma, diferentes grupos produzem diferentes representações do mundo social, estando em disputa constante pela definição mais legítima da realidade. A imprensa, como produtora cultural e instrumento de representação, tem poder especial nesse papel, na medida em que é a partir dos textos jornalísticos que as representações se tornam explícitas através de um intenso trabalho discursivo, delineando-as e as tornando públicas:

A capacidade de fazer existir em estado explícito, de publicar, de tornar público, [...] representa um considerável poder social, o de constituir os grupos, constituindo o senso comum, o consenso explícito, de qualquer grupo. De facto, esse trabalho de categorização, quer dizer, de explicitação e de classificação, faz-se sem interrupção, a cada momento da existência corrente, a propósito das lutas que se opõem os agentes acerca do sentido do mundo social e da sua posição nesse mundo (BOURDIEU, 1989, p. 142).

E ainda:

A teoria mais acentuadamente objetivista tem de integrar não só a representação que os agentes tem do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção da visão desse mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem sua visão do mundo ou a visão da sua identidade social. (BOURDIEU, 1989, p. 139).

Em relação ao nosso tema de pesquisa, os elementos observados, PTB e Trabalhismo, nas representações dos jornais cariocas pertencem ao mundo político, relacionando-se com o social. A representação construída pelo CM ou pelo UH inserem-se também como lutas políticas, pelo “[...] poder de conservar ou de transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 142). Considerando que os jornais analisados se posicionam distintamente, segundo a historiografia, dentro da grande imprensa carioca e também que “[...] as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu habitus [...]” (BOURDIEU, 2004, p.158), então podemos conceber a atividade desses dois jornais como atividades culturais de construção do mundo social. É interessante, portanto, observar mais atentamente como esses dois jornais se posicionam em relação ao Trabalhismo e ao PTB.

Chartier, ao propor uma nova História Cultural pautada não nas estruturas econômicas e/ou determinantes, mas nos aspectos sociais, põe as representações no centro dessa nova

proposta, pois essa articularia certas modalidades em relação ao mundo social, sendo de maior importância a essa pesquisa “[...] as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe” (CHARTIER, 1990, p. 73). Ainda segundo o autor:

Trabalhando sobre as lutas de representações cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz um retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1990, p. 73).

Voltando ao exemplo das segundas-feiras, diferentes jornais podem emitir distintas visões sobre a segunda-feira tendo como objetivo, hipotético, um a manutenção das segundas como dia produtivo na rotina industrial e outro a alteração da visão desse dia como dia útil para que assim tenhamos mais um dia de descanso e a indústria seja prejudicada. Dessa forma, ocorreria uma luta simbólica em que os respectivos jornais investiriam seu capital de prestígio, adquirido em lutas anteriores, na tentativa de transformar a realidade do mundo social, já que essa não é dada, mas construída. A segunda-feira, como tempo cósmico, não possui nenhuma característica atrelada à vida de trabalho e de lazer dos seres humanos. Somos nós, ao longo do tempo e através dos produtores culturais, que inferimos esses significados ao termo “segunda-feira. O exemplo pode parecer simples, mas creio que ajuda a esclarecer boa parte do nosso aporte teórico. Assim, como “o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e, muito menos, na palavra. Somos nós que fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (HALL, 2016, p.42), então é importante observar essas representações do Trabalhismo e do PTB como imposições de sentido através do discurso opinativo.

Representações do Trabalhismo no *Correio da Manhã* (1951-1954)

Para preparar os elementos, tornando-os passíveis de serem submetidos à análise científica, foi necessário realizar um intenso trabalho metodológico, o qual abordaremos melhor a partir de agora. Primeiro, fizemos um apanhado geral por meio da varredura do termo Trabalhismo nos editoriais e colunas publicados na página 4, a mais voltada para a opinião

institucional do jornal, como dito anteriormente. O corpus bruto submetido a uma primeira leitura flutuante foi o seguinte:

Tabela 2

ANO	Editoriais	Colunas
1951	3	23
1952	1	15
1953	3	18
1954	11	18
Total:	18	74
TOTAL GERAL = 92		

Fonte: O autor (2020).

Através de uma leitura mais atenta, buscando já alguns sentidos e realizando uma triagem, propomos determinadas questões às fontes, bem como o reconhecimento de seu posicionamento, classificação que teve por critério a seguinte tabela de controle:

Tabela 3.

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO	
- Definição para “o que é Trabalhismo?” - Posicionamento + “à que?” Onde:	
CATEGORIA:	DESCRIÇÃO:
Crítico	Posiciona-se de forma crítica aos elementos discutidos, descrevendo-os de forma pejorativa e/ou ligando-os a problemas sociais, políticos e econômicos.
Neutro	Descreve os elementos, sem explicitamente ligá-los a juízos de valor elogiosos ou críticos e/ou não faz nenhuma definição precisa. Inclui-se aqui, ainda, materiais que citem o termo, mas não se refiram as questões colocadas as fontes.
Elogioso	Posiciona-se de forma elogiosa aos elementos discutidos.

Fonte: O autor (2020).

Materiais que não se encaixavam nessas questões foram excluídos desta análise em específico. Chegamos assim ao nosso corpus fino, em que, dos 92 recortes, 52,1% eram críticas explícitas ao Trabalhismo. O melhor detalhamento segue abaixo:

Tabela 4.

Ano	Crítico	Neutro	Elogioso
-----	---------	--------	----------

1951	12	1	1
1952	9	1	0
1953	13	0	0
1954	14	0	0
Total =	48	2	1

Fonte: O autor (2020).

Logo de início, podemos observar que o jornal, em momento nenhum do corpus selecionado, discute a validade do Trabalhismo como doutrina política de amparo aos trabalhadores. A doutrina, especialmente sua vertente inglesa, é elogiada pelo periódico como promotora de harmonia e bem-estar entre as classes. Em uma coluna intitulada *Trabalhismo e Comunismo*, Costa Rego, redator-chefe do jornal e redator dos editoriais, faz uma comparação entre essas duas doutrinas, destinando à primeira diversas adjetivações positivas, como

[...] harmonia [...] toma a sociedade em sua afirmação e define a posição do trabalhador [...] procura o equilíbrio entre as classes [...] O Trabalhismo é um princípio dentro do Estado; O Trabalhismo colabora [...] é uma arma [...] cabe em qualquer regime político [...]. (REGO, 1951, p. 4).^{iv}

Já no editorial *Educação e Trabalhismo*, o jornal expressa a sua definição de um Trabalhismo coerente, não consistindo esse

[...] numa fórmula abstrata, importável de um país ou de uma época. O que justifica uma designação comum para os regimes políticos são os supostos e os objetivos que apresentem, cabendo a cada país e a cada época equacionar o problema em função de suas circunstâncias. [...] Trabalhismo, acima de tudo, é a tomada de consciência da importância do esforço humano, vale dizer de todas as formas úteis do trabalho. O primeiro passo para se instituir no Brasil o verdadeiro trabalhismo, o autêntico regime do mérito, é a reforma da educação [...] E é imperativo que os filhos dos homens poderoso, quando não demonstrem mérito, fiquem adstritos aos níveis primários da instrução, para que se dediquem a misteres compatíveis com suas aptidões. (EDUCAÇÃO E TRABALHISMO, 1951, p. 4).^v

Podemos perceber até aqui que o jornal não é contra o Trabalhismo, muito menos a sua adequação às necessidades políticas e sociais do já estabelecido movimento operário (GOMES, 2005). Porque, então, 52,1%, mais da metade do corpus fino, refere-se a críticas?

Essa questão começa a ser elucidada se direcionarmos nosso olhar à composição e no conteúdo dessas críticas. Dos 48 recortes, 16 se referem ao Trabalhismo de Vargas ou ao Trabalhismo brasileiro do sr. Vargas. Outros 16 recortes se referem ao dito Trabalhismo do governo, ou governo trabalhista. Nove recortes se referem ao Trabalhismo brasileiro somente e ainda 6 foram classificados como outros, versando sobre temas como Trabalhismo de Jango, Trabalhismo dos partidos, etc., em uma proporção de:

Tabela 5.

BLOCO 1	Trabalhismo de Vargas, Trabalhismo varguista	33,3%
BLOCO 2	Trabalhismo do governo, governo trabalhista	33,3%
BLOCO 3	Trabalhismo brasileiro, Trabalhismo do Brasil	18,7%
BLOCO 4	Outros:	12,5%

Fonte: O autor (2020).

Esses blocos, em separado, diferem entre si, afinal criticar um governo não é o mesmo que criticar o presidente e vice-versa, bem como criticar uma doutrina não significa, exatamente, dizer que essa doutrina é adotada pelo governo em questão. Porém, ao observar de forma mais aproximada, certos elementos das críticas se repetem aos quatro blocos, em alguns mais de uma vez. Exemplo desse caso é o sentido que categorizamos como Trabalhismo falso e como Trabalhismo mistificador.

“Trabalhismo do sr. Getúlio Vargas”, “Trabalhismo dêles”, “Trabalhismo brasileiro”: diferentes trabalhismos, visões semelhantes.

O Trabalhismo brasileiro, segundo o jornal, seria um Trabalhismo falso, não somente porque é uma cópia do Trabalhismo inglês, mas porque ele em si não objetiva o que o autêntico Trabalhismo tem por princípio. Segundo o jornal, o Trabalhismo brasileiro seria apenas a confabulação de interesses particulares dos partidos ou de classes específicas, sendo, portanto, escuso, instrumento da demagogia:

O trabalhismo brasileiro, tal como existe realmente nos partidos que o têm como rótulo, limita-se a duas coisas: uma intenção e um nome. A intenção é conquistar o poder de qualquer forma e dele extrair todo o proveito pessoal. O nome e o próprio trabalhismo, como vocábulo sonoro e mágico, legitimador de todos os abusos, instrumento eficaz para a demagogia. (DEMAGOGIA E TRABALHISMO, 1951, p. 4)^{vi}.

Prova disso seria, para o CM, que os trabalhadores rurais nunca receberam as benesses da revolução de 1930, ficando o Trabalhismo restrito a zona urbana. Trabalhismo rural seria então “[...] fantasia de uma coisa muito velha” (REFORMAS, 1952, p. 4)^{vii}.

O Trabalhismo de Vargas, por sua vez, seria falso e mistificador pois o presidente se utiliza desses termos em benefício próprio e para manipular as camadas da população, que o jornal insiste em ressaltar que são as camadas que mais enchem as urnas de votos para Vargas, o “Pai dos Pobres”. Assim, Vargas esconderia da população que suas ações são voltadas para o

engrandecimento dos mais ricos, numa clara hipocrisia em relação a sua fama de popular. Isso se torna evidente, para o jornal, quando se analisam as medidas de combate a carestia e ao encarecimento de vida, autenticamente trabalhistas porque não resolviam a questão e porque eram “ridículas” (TRABALHISMO PRÁTICO, 1951, p. 4)^{viii}. Assim, “o trabalhismo brasileiro do sr. Getúlio Vargas terá coroado sua obra quando cada brasileiro fôr colocado no seu lugar: o rico cada vez mais rico lá em cima, o pobre cada vez mais sobre cá embaixo” (BARATEAMENTO POPULISTA, 1951, p.4)^{ix} e ainda:

O sr. Getúlio Vargas não está mais administrando o país; está apenas transformado em galopim eleitoral. [...] pois uma vitória eleitoral do PTB significaria apenas uma exploração mais sistemática e mais desbragada dos trabalhadores, e nunca a presença deles, direta ou indiretamente, no governo. [...] o PTB não é um partido de trabalhadores, nem de operários, nem de povo. É uma legenda explorada por gozadores, politiqueiros e golpistas. Três anos já se foram para mostrar que não há no getulismo a menor sinceridade, que no seu falso trabalhismo não existe a menor correspondência entre as palavras e os atos, entre o que promete e o que dá no govêrno. (OS GOZADORES DO PTB, 1954, p.4)^x.

Vargas, portanto, aproveitava-se ao máximo de sua política social, mal desenvolvida, para pôr em prática suas ações antipopulares. O que varia, para o jornal, é a consciência dessa população. Às vezes vítima da demagogia, às vezes consciente da ineficiência do governo e do presidente.

Uma outra atribuição ao Trabalhismo de Vargas pelo CM é o de “*trabalhismo mistificador*” (ILUSÕES E DECRETOS, 1954, p. 4)^{xi} Em uma leitura rápida, esse termo pode ser entendido como simples mítica em torno do Trabalhismo varguista. Porém, seu sentido mais estrito é de ludibriar ou enganar alguém, escondendo-lhe algo ou logrando-a. Retorna a questão: seriam as massas, para o jornal, manipuladas, inconscientes? Não temos subsídios para responder com clareza, no momento, mas acreditamos ser importante destacar essa reflexão.

O Trabalhismo do governo é o que mais se destaca por ser caracterizado como falso, visto que “[...] se diz trabalhista” (AS CAIXAS, 1951, p. 4)^{xii} e que logo seria desmentido e exposto como Trabalhismo condenado já que o plano de congelamento dos preços praticado pelo governo não seria eficiente para diminuir o encarecimento da vida. Para tal ação, o jornal diz que são necessárias muito mais regras e leis de mercado, mas que o “[...] o Brasil trabalhista, paraíso de um burocratismo arrogante e convencido, não precisa de fórmulas: resolve os problemas científicos por meio de uma portaria” (TRABALHISMO PRÁTICO, 1951, p. 4)^{xiii}.

A relação entre falso e mistificador fica explícita quando o jornal, comentando que o Brasil foi expulso da administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), diz que

não houve protestos da presidência. Isso se explicaria pelo “[...] desfibramento e pela inépcia de um governo todo voltado para a politicagem interna e as manobras eleitorais do seu falso trabalhismo” (PROTESTO E CONTRASTE, 1954, p. 4)^{xiv} e porque “[...] estamos com um governo que se diz trabalhista, mas de um trabalhismo, já se vê, apenas para a politicagem interna no ludíbrio e engodo dos trabalhadores” (ESTAMOS VINGADOS, 1954, p. 4)^{xv}.

Em relação ao bloco outros, a coluna *O trabalhismo deles* resume bem uma ideia que diversas vezes o jornal retoma: a de que João Goulart, ex-ministro do trabalho, presidente do PTB e conselheiro de Vargas, seria um demagogo que, apesar do discurso de apoio ao sindicalismo, era voltado apenas aos seus interesses particulares, aproveitando-se da estrutura do governo e de suas relações com o Banco do Brasil para pegar empréstimos em benefícios próprios:

Vejam os operários o que era afinal o regime dito trabalhista e de “defesa dos trabalhadores”. O sr. João Goulart, presidente do PTB, candidato a senador pelo PTB, conselheiro político do PTB e do presidente da República em assuntos sindicais, ex-ministro do Trabalho pelo PTB, falava em política social, em amparar as classes obreiras contra o que ele mesmo dizia ser a investida da reação. Fala assim e conseguia no Banco do Brasil, em Marília, empréstimos polpudos em seu benefício pessoal. (O TRABALHISMO DÊLES, 1954, p. 4)^{xvi}.

Além disso, o jornal acusa João Goulart de cometer “*trabalhismo de boite*” (TRABALHISMO E TURISMO, 1954, p. 4)^{xvii}. Sendo boite a palavra que deu origem a atual palavra boate, Trabalhismo de boite se refere a certas figuras dos sindicatos e da cúpula governista poderem viajar com o dinheiro do fundo sindical sob a alegação de que iriam representar o Brasil, mas, chegando ao destino, utilizar a viagem apenas para diversão, faltando aos compromissos oficiais. Por fim, o jornal segue a linha de chamar João Goulart de demagógico. Aparentemente, ao se destacar no governo Vargas, Jango não herda só sua vertente política, mas também parte das críticas que são feitas a Vargas pelo jornal.

Falso e mistificador: categorias que se inter-relacionam.

Essas duas categorias se unem à medida que, para o *Correio da Manhã*, o Trabalhismo, seja qual for o bloco analisado, é falso pois se investe não na intenção doutrinária de harmonia das classes e de apoio ao trabalhador, mas sim na adequação de interesses escondidos, não explícitos, por meio de algo que se nomeia Trabalhismo. Em síntese: é falso porque é mistificador.

Dessa forma, acreditamos que os blocos do corpus documental, demonstrados na tabela 5, formam-se à medida em que a pergunta-chave “*crítica - à que?*”, daquela tabela de controle, seja respondida com os interesses de um desses níveis. Dessa forma, Trabalhismo do Vargas seria o Trabalhismo que atende aos interesses do ex-ditador. Trabalhismo do governo seria aquele que atende aos interesses da cúpula ou de figuras específicas, orientadoras do governo Vargas, como é o caso de João Goulart. Falta, entretanto, explicar o surgimento do bloco 3, somente chamado de “*Trabalhismo brasileiro*”, visto que, ao analisar o conteúdo das críticas, não são os interesses da personificação “Brasil” que são atendidos, segundo o jornal. Para essa questão, acreditamos que se apoiar na historiografia sobre Trabalhismo nos ajude a responder.

Ângela de Castro Gomes é uma das maiores referências da historiografia para entendermos o Trabalhismo brasileiro. Para essa autora, o Trabalhismo foi um projeto, gestado ainda no Estado Novo, de continuidade de Vargas no poder. Antes de manter o ditador, o que afinal não ocorreu, o que se desejava era manter o tipo de conformação política e social que se estabeleceu durante seu governo, em equilíbrio com os interesses das classes burguesas. Assim, inventa-se o Trabalhismo por meio de uma série de práticas e simbolismos, através da ação de Marcondes Filho - Ministro do Trabalho a partir de 1942 - para mobilizar a classe trabalhadora e a transformar em base estável de apoio político. Segundo a autora:

[...] se em seu formato político o Estado Novo não se sustentava mais – se a “democracia autoritária” era inviável dentro da nova situação internacional e nacional –, o impacto ideológico de um projeto governamental centrado na mitologia do trabalho e do trabalhador tinha desdobramentos mais complexos, (...) [que] inclui o enfrentamento de uma questão de novo tipo para o regime: a questão político-eleitoral. Ou seja, foi a partir dos primeiros anos da década de 40 que o Estado Novo, através da ação do ministro Marcondes Filho, começou a desenvolver iniciativas que indicavam a preocupação com outro tipo de instrumento de representação.” (GOMES, 2005, p.265)

O enfrentamento da questão eleitoral, aliado à continuidade do projeto de Vargas, deu-se pela criação de dois partidos, visto a frustração do projeto inicial de partido único (D’ARAÚJO, GOMES, 1987), Primeiro, surge o PSD, composto pela elite estado-novista tecnocrática de interventores. Mais tarde, para angariar as massas trabalhadoras, cria-se o PTB, partido que Jorge Ferreira afirma que pode ser visto como surgido da institucionalização do Trabalhismo (FERREIRA, 2005) e que “[...] suas bases foram efetivamente montadas a partir da estrutura do Ministério do Trabalho, ou seja, com a utilização das lideranças sindicais e dos organismos previdenciários” (D’ARAÚJO, GOMES, 1987, p. 14). Assim sendo, considerando

o Trabalhismo um projeto, então transformando na ideologia política de um partido criado para a mobilização das massas trabalhadoras frente ao novo contexto democrático brasileiro, então podemos compreendê-lo, de forma mais ampla, como um projeto ideológico de, mais do que mobilização, representação dos trabalhadores na política brasileira. Porém, para um jornal que, já sabemos, caracteriza-se por ser antigetulista e combativo, como o *Correio da Manhã*, o Trabalhismo brasileiro torna-se, quase sempre, sinônimo da presença personalista desse presidente que fora ditador. O Trabalhismo brasileiro é, então, a continuidade de elementos do Estado Novo, em outros moldes e, de 1951 a 1954, Trabalhismo no Brasil representa o próprio Vargas no poder, visto que ele volta ao cargo de presidente sob a legenda do PTB. Isso explica, em grande parte, as 52,1% de críticas voltadas ao Trabalhismo. A outra questão, ligada a essa, que pode explicar essa visão do CM sobre o Trabalhismo é a confusão, realizada na época, entre Trabalhismo e Getulismo, explicitadas por Maria Celina D'Araújo e Ângela de Castro Gomes. Segundo as autoras,

A pregação estado-novista fundará, como sua ideologia, o trabalhismo e criará um movimento de opinião pública favorável, até mítico, à figura de Getúlio Vargas: o getulismo. Trabalhismo e getulismo são termos que se complementam durante a ditadura, à medida que a defesa e as conquistas do trabalho são diretamente associadas à imagem do chefe do governo. (D'ARAÚJO, GOMES, 1987, p. 3).

Concluindo, Getulismo e Trabalhismo são ligados à figura de Vargas ainda no Estado Novo e, a partir da estreita ligação revelada pela análise das fontes nesse artigo, permanecem na tradição de percepção política do CM como sendo elementos semelhantes. Assim, getulismo, Trabalhismo brasileiro e tudo o que esses termos representam são, de modo sintetizado, uma coisa só para o jornal: a presença de Vargas na política brasileira.

Considerações finais

Pretendemos aqui fazer uma breve exposição do tema que constitui nossa pesquisa de mestrado, em andamento, considerando alguns pormenores da pesquisa como essenciais à compreensão da visão e do recorte que esses jornais realizam nos seus discursos. Após, foi feita uma explicitação de uma parcela dos resultados. Concentramos o foco de análise, portanto, nas críticas que o jornal *Correio da Manhã* realizava quanto ao Trabalhismo, entre 1951 a 1954, que podem ser compreendidas como aversão a presença do varguismo estado-novista no poder político. O jornal não demonstra ser contrário ao Trabalhismo como doutrina definida, em

termos gerais, na Europa, mas sim se mostra contrário ao Trabalhismo brasileiro que se constitui como um projeto de continuidade.

Apresentamos, então, dois pontos da historiografia que podem ajudar no entendimento desses dados obtidos, críticos ao Trabalhismo no Brasil. Esses pontos foram a) Trabalhismo e PTB como projetos de continuidade de Vargas no poder e b) Amálgama comum entre o entendimento geral sobre Trabalhismo e sobre Getulismo, que se unem à medida que ambos resultam na presença de Vargas na política brasileira, indireta pré-1951 e direta de 1951 à 1954. Mais do que descrever, desejamos ressaltar essas noções como premissas a uma reflexão mais apurada sobre o posicionamento do jornal, visto que, no pensamento corrente, é fácil pressupor que, se o *Correio da Manhã* trata o Trabalhismo de forma crítica, então ele é contra medidas sociais e, consequentemente, contra os trabalhadores. Não é essa a questão, segundo essa primeira análise realizada no presente artigo.

Assim, o *Correio da Manhã* se posiciona quanto a realidade como observador e como construtor, visto que seus discursos colaboram em definições que persistem no repertório social até hoje, como por exemplo a qualidade de vida e os direitos sociais como frutos diretos e só conseguidos através do mérito, como premiação justa pelo esforço, ou a educação técnica como ação social mais necessária do que a formação de letrados. Não cabe aqui, como em qualquer trabalho historiográfico, julgar as nossas fontes segundo nossos valores e atualidade.

Porém, dados os debates correntes sobre direitos trabalhistas e sobre a reforma do ensino médio, em vigor a partir do governo Temer - lei nº 13.415/2017 - visando à preparação dos adolescentes para o mundo do trabalho, percebe-se como concepções e visões sobre o trabalho persistem. O nosso mundo social está em permanente construção, sendo a imprensa um fator importante de participação nesse processo.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de et alli. (coord). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós 1930*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

ABREU, Alzira Alves.; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 23-60.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa: 70, 2004.

BARRETO, Emanuel Francisco Pinto. Última Hora: um jornal a serviço de Getúlio Vargas. In: ALAIC GT17: *HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO*, nº 17, 2014, Peru. Disponível em <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT17-Emanuel-Pinto.pdf> . Acesso em: 07 jun. 2019.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e gênese de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 133-161.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1990, p. 61-79.

CUNHA, Thársyla Glessa Lacerda da. Um combate de letras: os jornais Tribuna da Imprensa e Última Hora durante o segundo governo de Vargas (1951-1954). In: *Anais do XVII encontro de História da Anpuh-Rio*, 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1470676781_ARQUIVO_UmcombatedeletrasosjornaisTribunadaImprensaeUltimaHoraduranteosegundogovernodeVargas-1951a1954.pdf . Acesso em: 07 jun. 2019.

D'ARAÚJO, Maria Celina; GOMES, Ângela de Castro. *Getulismo e Trabalhismo: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1987.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Editora PUCRio: Apicuri, 2016.

JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.11-27.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: Editora SENAC. 1998.

LUCA, Tania de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. *A grande imprensa "liberal" da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional*. 2010. 360f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. História dos conceitos e conceitos na história: a imprensa como fonte/objeto da história conceitual do político. In: DOMINGOS, et all. *Capítulos de História Política*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2018.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. *Revista da Faculdade de Educação PUCRS*, n.21, 1998.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

Submetido em: 12/10/2020

Aprovado em: 14/11/2020

Publicado: 11/12/2020

ⁱ Mestranda em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

ⁱⁱ O PTB É UM PARTIDO DE ESQUERDA. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 24-30 mai. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=100331&pesq=&pagfis=200> . Acesso em: 22 out. 2020.

ⁱⁱⁱ A LICENÇA DE DANTON COELHO E A CRISE TRABALHISTA. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=237> . Acesso em: 22 out. 2020.

^{iv} REGO, Costa. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=7772 . Acesso em: 22 out. 2020.

^v EDUCAÇÃO E TRABALHISMO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 ago. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=11159 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{vi} DEMAGOGIA E TRABALHISMO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 set. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=11973 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{vii} REFORMAS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 mai. 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=17201 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{viii} TRABALHISMO PRÁTICO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=9007 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{ix} BARATEAMENTO POPULISTA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=8191 . Acesso em: 22 out. 2020.

^x OS GOZADORES DO PTB. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=36347 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{xi} ILUSÕES E DECRETOS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 mai. 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=36891 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{xii} AS CAIXAS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08 abr. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=8667 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{xiii} TRABALHISMO PRÁTICO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=9007 . Acesso em: 22 out. 2020.

^{xiv} PROTESTO E CONTRASTE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 05 jun. 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=36975 . Acesso em: 22 out. 2020.

-
- ^{xv} ESTAMOS VINGADOS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=37556 . Acesso em: 22 out. 2020.
- ^{xvi} O TRABALHISMO DÊLES. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=39387 . Acesso em: 22 out. 2020.
- ^{xvii} TRABALHISMO E TURISMO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=37576 . Acesso em: 22 out. 2020.